

Apresentação

Levei o Rosa na beira dos pássaros que fica no
meio da Ilha Linguística.
Rosa gostava muito de frases em que entrassem
pássaros.
E fez uma na hora:
A tarde está verde no olho das garças.
E completou com Job:
Sabedoria se tira das coisas que não existem.
A tarde verde no olho das garças não existia
mas era fonte do ser.
Era poesia.
Era o néctar do ser.
Rosa gostava muito do corpo fônico das palavras.
Veja a palavra bunda, Manoel
Ela tem um bonito corpo fônico além do
propriamente.
Apresentei-lhe a palavra gravanha.
Por instinto linguístico achou que gravanha seria
um lugar entrançado de espinhos e bem
emprenhado de filhotes de gravatá por baixo.
E era.
O que resta de grandeza para nós são os
desconheceres – completou.
Para enxergar as coisas sem feito é preciso
não saber nada.
É preciso entrar em estado de árvore.
É preciso entrar em estado de palavra.
Só quem está em estado de palavra pode
enxergar as coisas sem feito.

(Manoel de Barros)

É o transe ou a transa das palavras que nos levam a *enxergar as coisas sem feito*. Modo de olhar ativo, que se quer árvore e assim obrar a *percepção* – mote que explicita ou implicitamente circulou entre os pesquisadores de nosso grupo de pesquisa, assim como dos demais colaboradores que se agregaram a nossas atividades este ano. Esse é um dos aspectos que se evidencia no conjunto de trabalhos deste número de nossa revista, que congrega textos resultantes das trocas promovidas pelo II Seminários de Pesquisa e, ainda, artigos de colaboradores externos.

O explorar as possibilidades de interlocução entre filosofia e literatura tem nos levado também a essa *Ilha Linguística*, fronteira, ponto de encontro: às vezes *gravanha*, às vezes *pássaros*. Nesse flerte entre literatura e filosofia, uma área abre-se ao olhar da outra, dão-se a ver, *percebem-se* nesse vertiginoso entreolharem-se. Também Benedito Nunes, em “Meu caminho na crítica”, vê o encontro das áreas num *traspasse* de linguagem, ponto de intersecção, “entra o poético na filosofia e entra o filosófico na poesia”, e conclui, “se, portanto, há *traspasse*, é porque, nesse nível, filosofia e poesia se encontram, se correspondem, se atravessam, e mesmo assim continuam diferentes. Sem coincidirem, enriquecem-se mutuamente” (2009, p. 27).

É justamente esse momento de *traspasse* que é flagrado por Carlota Ibertis em “prazeres e dores da estátua”. Nesse caso, não é o *entrar em estado de árvore*, mas inversamente, é a ficção da estátua que entra em estado de vida – tema recorrente na tradição ocidental – o meio de reflexão de Condillac para apresentar as faculdades mentais como derivadas das sensações.

E afinal percebemos o que procuramos ou as coisas se dão a ver a nossos sentidos? Essas duas vias são abordadas por Rodrigo Michell dos Santos Araujo em “Heidegger e Guimarães Rosa: mundo, espacialidade e poesia em dois contos de *Corpo de baile*”. Tanto em “Recado do morro” quanto em “Cara de Bronze” as *coisas sem feitio* só são enxergadas por *quem está em estado de palavra*. Por um lado o mundo que se manifesta: da boca do ermitão para a do louco, do bobo, da criança, do fanático, o recado do morro precisará ainda do artista, o cantador, para alcançar seu destinatário. Inversamente, é o vaqueiro Grivo, a pedido, que vai buscar o *quem das coisas*, a poesia, para Cara de Bronze. Em Heidegger e Rosa, poesia são os *desconheceres*, poesia é experimentação.

E a experiência literária, esse estado de palavra, Camille Dumoulié identifica no excesso: origem da inspiração criativa, expressão da desmedida por meio de personagens excessivos. O literário, em seu “Estética do excesso e o excesso da estética”, abre-se ao que a razão e o conhecimento lógico não podem abarcar.

Contrária ao excesso é a posição de Platão ao banir a poesia de sua república ideal. É sobre essa questão, a defesa da moderação, que nos fala Felipe Silva em “Moderação e paidéia na cidade ideal: Platão contraria a poesia na *República*?”.

Nada moderada é a relação erótica com a morte em poemas de Hilda Hilst, seu modo de experimentar, conhecer: *sabedoria se tira das coisas que não existem*. É sobre essa experiência extrema que somos introduzidos em “Hilda Hilst ou por uma poética do desejo” de Márcia Fontes e Romero Venâncio, em que o nada surge como destino e condenação da existência. Sim, *para enxergar as coisas sem feitio é preciso não saber nada*.

Os modos de uso também muito nos falam sobre a maneira que o latim é percebido em nossa cultura. Em “O latim na literatura brasileira: enfeitar, impressionar, ridicularizar”, José Amarante Santos Sobrinho visita momentos de nossa literatura para flagrar esse uso social do latim. Trata-se de uma pesquisa de fôlego e a seleção das ocorrências que discute desvelam esse lugar social do latim como parâmetro de distinção social. Quando presente nos textos cômicos percebe-se a denúncia de uma falsa erudição para causar boa impressão, já que saber latim era índice de distinção.

Também é o humor, pela via grotesca, que entra no jogo de perspectivas de muitas obras de Quevedo. A linguagem não é só *gravatás* ou *pássaros*, é igualmente *bunda*. Esse mundo do baixo é discutido por Leonor Demétrio da Silva em “O riso pícaro: entre a denúncia, a lição e a mera diversão”, em que tanto o humor festivo quanto o desapiedado participam da configuração grotesca e cômica do mundo, desvelando as fissuras na estrutura social de então.

É também Quevedo que inaugura nossa nova seção da revista, espaço para traduções de textos literários e filosóficos, atendendo a uma das linhas de pesquisa de nosso grupo. Daí a opção pela edição bilíngue – *corpus* para estudos tradutológicos. E não será o corpo fônico da *bunda* que Quevedo defende em seu “Graças e desgraças do olho do cu”. A paródia do estilo filosófico é resgatada nesta tradução anotada de Celso Cruz. Rosa viu beleza na bunda, Quevedo entreviu graça e também desgraças... Vale conferir essa percepção grotesca do baixo, esse mundo empírico de nossos sensores.

Jacqueline Ramos